

AMIGOS ITALIANOS DE UM BOM TEMPO.DR. TOFFOLI E A RODA DA FARMÁCIA ITALIANA.

A Municipalidade de Campinas, por proposta do presidente da sua edilidade, dr. Arlindo de Lemos Junior, que é medico provindo, pelo lado materno, de velhos troncos da terra, deu o nome de "DR. Clemente de Tóffoli" a uma praça fronteira ao Hospital Italiano, instalado no prédio próprio que a colônia de peninsulares ali fez construir depois de 1881, quando fundou um "Circolo Italiani Uniti".

O "Circolo" foi, durante muitos anos, a penas centro de reunião em dias festivos ou recepções de gala. Era de amplas proporções para essas festas, mas de modesta atuação em suas obras: limitava-se a congregar os patrícios, mantendo suas festas numa atmosfera cordial em que se esqueciam pequenas diferenças ou competições locais, para só se pensar na "Patria lontana", acompanhando-a, com júbilo, em seus dias jocundos, e com a alma confrangida em suas horas de luto.

O plano dos primitivos fundadores, dos quais se destacavam figuras veneráveis como Roque de Marco - um patriarca, meio peninsular, meio caipira, negociante de agudo faro e coração de grande elástico para a beneficiência pública - era de instalar um hospital no prédio em que funcionava o "Circolo". Enquanto, porém, não podia chegar a esse cometimento - como fize-

O DR. TOFFOLI E A RODA DA "FARMACIA ITALIANA"

A Municipalidade de Campinas, por proposta do presidente de sua edilidade, dr. Arlindo de Lemos Junior, que é medico provido, pelo lado mater no, de velhas troncos de terra, deu o nome de "DR. Gie mente de Toffoli" a uma praça fronteira ao Hospital I taliano, instalado no predio proprio que a colonia de peninulares ali fez construir depois de 1881, quando fundou um "Circolo Italiano Unifici".

O "Circolo" foi, durante muitos anos, a pens centro de reunio em dias festivos ou recepções de gala. Era de amplas proporções para essas festas, mas de modesta estacão em suas obras: limitava-se a congregar os patriotas, mantendo suas festas num est- monstros cordial em que se espadeciam pedemias diferen- ces ou competições locais, para ad se pensar na "Patri a lontana", acompanhando-s, com jubilo, em seus dias joanços, e com a alma contraindo em suas horas de lu to.

O plano dos primitivos fundadores, dos duas se destacavam figuras veneraveis como Rodu de Marco - um patriota, meio peninular, meio caipira, ne gozante de ardo fero e coracão de grande elastico pa ra a beneficencia publica - era de instalar um hospi- tal no predio em que funcionava o "Circolo". Entretanto, porém, não podia chegar a esse cometimento - como fiz-

ram os portugueses, com a sua esplêndida e benemerita Beneficência Portuguesa - promoviam suas festas agitas e cheias de clamor. Realizaram-se, ordinariamente, no XX de setembro e os seus salões se enchiam de uma multidão gesticulante e cheia de efusões, em que os brasileiros entravam e se expandiam, tão barulhentos como os donos da casa.

Funcionava na casa uma escola e, na antiga frontaria eram postos em destaque dois bustos, o Alighieri e o Buonarrotti, Dante e Michelangelo, Roque de Marco foi presidente da casa durante anos seguidos e acabou sendo presidente honorário, passando a direção ativa a Vicente Delueca que se revezava naquelas funções com outros homens esforçados da colônia que eram, ao mesmo tempo, homens cheios de serviços à cidade - Rafael Pisaní, Miguel Cristofani, Irineu Checchia, Angelo de Tullio, Victor Zaccara, Jacob Berti e outros muitos.

Na epidemia de febre amarela, de 1889, que vitimou numerosos italianos da cidade e das fazendas, parece, mesmo, que causando maiores devastações entre os peninsulares chegados de pouco e ainda não aclimados no país, o Circolo converteu-se, numa improvisação magnífica, de centro de palestras e diversão, em hospital, com enfermeiras para seus patricios. A testa dos serviços os diretores colocaram um ilustre e abnegado médico bra-

sileiro, o dr. João Guilherme da Costa Aguiar que se desvelou naquela assistência ao extremo de suas forças, e acabou apanhando a febre, indo morrer em Itú sua terra natal.

Se é verdade que deixou desolada a família, não deixou menos desolados os italianos que residiam em Campinas e haviam sentido, em suas horas de angústia, o que era e o que valia a assistência e os desvelos daquele grande clínico.

Extinta a epidemia, voltou o "Circolo" às suas atividades normais, escola e centro de reuniões familiares e cultura social.

Já no município se haviam instalado médicos italianos e desse numero foi o dr. Clemente de Tóffoli.

É um nome caro a muitos corações e famílias brasileiras e posso dele falar com seguro conhecimento, porque entrei, durante muito tempo, na intimidade da sua roda, a "roda italiana" e dessa aproximação guardo ainda impressões das mais fagueiras.

Tóffoli era de uma família de boa linhagem de provincia veneziana. Gloriava-se, mesmo, de ser o antigo Pontífice Pio X, Patriarca de Veneza, conterrâneo de seu pai. Os Tóffoli, Clemente e José, vieram para o

Brasil e aqui trabalharam e prosperaram, Clemente, na medicina, em Campinas, José, na engenharia, em Ribeirão Preto e no interior.

Na Medicina, Clemente de Tóffoli era de uma capacidade fenomenal de trabalho. Levantava-se muito cedo e, na propria casa, em que tinha consultório, começava a atender à ciencia. A massa de colonos italianos que vinha à cidade era, em maioria, cliente do patrício. As pequenas operações, fazia-se no proprio consultório, as de maior gravidade, mandava-as para alguns dos hospitais da cidade.

Em cirurgia era destro e, mais do que destre, elegante. Um de seus amigos asseverava, em conversa na sua roda que o dr. Tóffoli, em suas intervenções, fazia tanto empenho em cortar com elegancia de gestos e belo aspecto das incisões, como em alcançar êxito em suas intervenções.

Sua clínica era estafante, e só uma natureza moça e sólida poderia dar conta daqueles trabalhos, que lhe ocupavam a manhã, na casa, deslocavam-se durante o dia para as visitas na cidade, nos bairros ou nas fazendas e voltavam a fazer-se na casa, à tardinha e à noite. Tudo aquilo, entretanto, parecia não afetar-lhe a fortaleza física; era homem de belo físico, alto, claro, esbelto; de trato acolhedor e simpático, e nas rodas dos amigos

atestava, a cada passo, a excelência de uma fina educação e hábitos sociais requintados. A isso acrescentava a familiaridade com a literatura italiana, que conhecia a fundo, a francesa, de que era também autorizado crítico e a música, que constituía para ele um refúgio repouante em horas de folga.

oooooo

Frequentei a chamada "roda italiana", logo após minha formatura. Fazia-se ela na Farmácia da rua 13 de Maio, que tinha sempre à testa Ângelo Serafini, um italiano com o físico típico dos lombardos, embora fosse autêntico toscano. Seu sócio Giorgio Vellutini residia na Itália e raramente por aqui aparecia. À tarde, antes do jantar, iam chegando os frequentadores que, alguns deles já tinham ali cadeiras reservadas: o engenheiro César Caversazzi, Paulo Lobo, Tóffoli, os drs. Mario Gatti e João Ricci, Carlo Bucchianeri, o vice-consul Moscardi e alguns outros inesperados filantes de prosa.

Os diálogos eram tecidos em torno de assuntos os mais variados. Para nós, brasileiros, aquelas reuniões alegres e cordiais constituíam uma hora ferida nos nossos assuntos de rotina; raramente se fazia qualquer comentário político ou da vida da cidade. Os assuntos eram focalizados em campos distantes e o elenco dos conversado

res, pela sua cultura, emprestava interesse a qualquer debate.

Ao lado de Serafini, que era um tipo adorável de "causeur", que pontilhava de ironia, e não raro de um sarcasmo sorridente, suas expansões mais vivas, entrava às vezes na conversa o outro "farmacista", Vincenzo Menotti Bruni, que todos tratavam de "Don Vincenzo", homem dos Abruzzos, moreno, forte, de espessas barbas pretas e tremendamente versado em latim. Sabia o Horácio de côr, citava trechos destacados de églogas de Virgílio e invectivas de Cícero. Num concurso de latim efetuado no Ginásio, hoje "Colégio Culto à Ciencia", D. Vincenzo largou a farmácia para assistir à leitura de provas escritas e às arguições entre os candidatos - e divertiu-nos, durante mais de uma semana, a narrar as descaídas dos candidatos e os cochilos da própria banca que presidia aos trabalhos, que engulira "silabadas" berrantes e erros de sintaxe, sem darem por isso.

Ângelo Serafini, que o trazia sempre às voltas, chasqueando daquelas preferências veementes por línguas mortas, latim e grego, narrava, com seu sorriso satânico de pisano, que o barbudo conservava em álcool, no fundo da farmacia, num vidro, como coisa preciosa, uma língua de papagaio - "ma un pappagallo romano contemporaneo di Cicerone..."

Eu entrava naquelas escaramuças dialéticas com o pouco que sabia e supria as deficiências dando in vestidas jocosas sobre o "Barbone" que era, aliás, meu grande amigo.

O grupo, à hora do almoço, subia a rua 13 de Maio e ia fazer suas refeições no Hotel Vitória, de Guido della Latta, cognominado o "Viareggio". Era um outro toscano, sempre de cachimbo à boca, gritador e blasfemo, com o característico falar da sua província, com a res inhóspitos, porque era rude nos gestos, mas atraentísimo, depois das primeiras palavras. É claro que aquela clientela, com a nata da colônia, merecia dele tratamento especial, menu especial, pratos nativos que o Viareggio e a mulher preparavam e condimentavam com abundância de molhos e de complementos nutritivos. O vinho corria, não só o da casa, tirado de um quinto à hora do bródio, como trazido, algumas vezes, entre especialidades, pelos componentes daquele grupo egrégio.

Em todas essas reuniões, embora imperasse a alegria e fraternidade entre os convivas, Tóffoli se colocava, por força própria e pela maior consideração dos presentes, sempre num plano de maior recato. Era homem de linha impecável e na mesa, em que alguns dos seus patrícios se desmandavam em gestos inconvenientes, o seu olhar corrigia esses excessos.

O restaurante de Guido della Latta, quando

pela cidade apareciam companhias líricas ou de opereta, convertia-se, como aliás também a Farmácia, numa sucursal dos camarins e do palco-cênico. Foi ali que muitos da nossa roda e de rodas estranhas, fizeram amizade com Giso Piracini, Dário Acconci e Luigi della Guardia, sem contar as "donnas", primas e secundas.

Acabado o almoço, saíam todos para seus destinos habituais - e Tóffoli voltava ao consultório. Se tinha um caso mais complicado na clínica, concentrava-se, emudecia, sofria com as incertezas do tratamento. É notável essa solidariedade afetiva que amarra um médico à situação de um doente: certas vezes um cliente obscuro, mal pagante, absorve o clínico e lhe tira o sono e o apetite pelas complicações inesperadas da sua moléstia. Tantas vezes era um pobre diabo, italiano ou brasileiro, que concentrava aquelas preocupações do elegante médico. Tóffoli, nessa extenuante atividade, nesse esforço contínuo, do qual só escapava de anos em anos para ir à Europa e visitar os recantos da Venezia Giulia, fez fortuna. Foi fortuna feita aos poucos, custosamente, amalhada. Depois, já folgado, logo depois rico, não alterou aqueles hábitos de vida. Mas a roda se desfez, Ângelo Serafini teve um derrame cerebral num dia, na sala de visitas da residência de Paulo Lobo, e dali foi para o cemitério; o Barbone regressou à Italia e lá morreu; o dr. Caversazzi já

tinha falecido. Uns mudaram-se, outros procuraram novas rodas.

Mas o dr. Tóffoli continuou a mesma intensa atividade, percorrendo a cidade de ponta a ponta, no seu automovel aberto, que era sempre Fiat ou Itala, porque só usava carro italiano.

Afinal, também ele sofreu um insulto e ficou com o braço direito meio atado. Não pôde mais operar, e disfarçava aquela insuficiência de movimentos, que o martirisava, não tanto pela redução da capacidade a que o forçava, como pelo que lhe trazia de desconforto à liberdade, desenvoltura e segurança dos movimentos, atingindo a linha de nativa elegância que nele apontava um "gentleman", no andar, no vestir, no tratar os doentes.

O Circolo Italiani Uniti converteu-se em hospital, e é dos melhores, pelo trabalho de Tóffoli, de Mario Gatti e de outros companheiros que os secundaram, quando já eu não residia mais em Campinas. A casa que abrigava gente festeira e efusiva, em datas de júbilo nacional, hoje abriga doentes, sara suas crises aflitivas, dá conforto a italianos ou a brasileiros, indistintamente e abre suas enfermarias, assim como os lençóis de suas camas, aos estropiados de todos os rinções do nosso interior. A figura do dr. Clemente de Tóffoli ali continua invisível no traço físico, mas bem visível na memória de seus trabalhos.

AMIGOS ITALIANOS DE UM BOM TEMPO

(cont.)

- fls. 10 -

A resolução da Municipalidade, de dar o nome do médico à praça fronteira ao hospital de que ele foi um dos fundadores, foi justo tributo prestado a um homem que tão esforçadamente se votou aos seus doentes e ao exercício de uma clínica em mais de trinta anos de vida passada no Brasil. É um novo elo, bem forte, que entrelaça o nome italiano daquele vêneto de sangue nobre, ao carinho de nós brasileiros que tivemos a fortuna de conhecê-lo, privar com ele e, por isso, estimá-lo por seu talento, seu afã de trabalhador, seus desvelos na assistência a tantos doentes, sua afabilidade no trato de tantos amigos.

São Paulo, 16-IV-1950

ANTIGOS ITALIANOS DE UM BOM TEMPO.DR. TOFFOLI E A RODA DA FARMÁCIA ITALIANA

A Municipalidade de Campinas, por proposta do presidente da sua edilidade, dr. Arlindo de Lemos Junior, que é medico provindo, pelo lado materno, de velhos troncos da terra, deu o nome de "DR. Clemente de Tóffoli" a uma praça fronteira ao Hospital Italiano, instalado no prédio próprio que a colônia de peninsulares ali fez construir depois de 1881, quando fundou um "Circolo Italiani Uniti".

O "Circolo" foi, durante muitos anos, a penas centro de reunião em dias festivos ou recepções de gala. Era de amplas proporções para essas festas, mas de modesta atuação em suas obras: limitava-se a congregar os patrícios, mantendo suas festas numa atmosfera cordial em que se esqueciam pequenas diferenças ou competições locais, para só se pensar na "Patria lontana", acompanhando-a, com júbilo, em seus dias jocundos, e com a alma confrangida em suas horas de luto.

O plano dos primitivos fundadores, dos quais se destacavam figuras veneráveis como Roque de Marco - um patriarca, meio peninsular, meio caipira, negociante de agudo faro e coração de grande elastério para a beneficiência pública - era de instalar um hospital no prédio em que funcionava o "Circolo". Enquanto, porém, não podia chegar a esse cometimento - como fize-

ram os portugueses, com a sua esplêndida e benemerita Beneficência Portuguesa - promoviam suas festas agitas e cheias de clamor. Realizaram-se, ordinariamente, no XX de setembro e os seus salões se enchiam de uma multidão gesticulante e cheia de efusões, em que os brasileiros entravam e se expandiam, tão barulhentos como os donos da casa.

Funcionava na casa uma escola e, na antiga frontaria eram postos em destaque dois bustos, o Alighieri e o Buonarrotti, Dante e Michelangelo. Roque de Marco foi presidente da casa durante anos seguidos e acabou sendo presidente honorário, passando a direção ativa a Vicente Delueca que se revezava naquelas funções com outros homens esforçados da colônia que eram, ao mesmo tempo, homens cheios de serviços à cidade - Rafael Pisaní, Miguel Cristofani, Irineu Checchia, Angelo de Tullio, Victor Zaccara, Jacob Berti e outros muitos.

Na epidemia de febre amarela, de 1889, que vitimou numerosos italianos da cidade e das fazendas, parece, mesmo, que causando maiores devastações entre os peninsulares chegados de pouco e ainda não aclimados no país, o Circolo converteu-se, numa improvisação magnífica, de centro de palestras e diversão, em hospital, com enfermeiras para seus patrícios. A testa dos serviços os diretores colocaram um ilustre e abnegado médico bra-

siheiro, o dr. João Guilherme da Costa Aguiar que se des-  
velou naquela assistência ao extremo de suas forças, e a  
cabou apamhando a febre, indo morrer em Itú sua terra na  
tal.

Se é verdade que deixou desolada a família,  
não deixou menos desolados os italianos que residiam em  
Campinas e haviam sentido, em suas horas de angústia, o  
que era e o que valia a assistência e os desvelos daque-  
le grande clínico.

Extinta a epidemia, voltou o "Círculo" às  
suas atividades normais, escola e centro de reuniões fa-  
miliares e cultura social.

Já no município se haviam instalado médi-  
cos italianos e desse numero foi o dr. Clemente de Tof-  
foli.

Um nome caro a muitos corações e família-  
es brasileiras e posso dele falar com seguro conhecimen-  
to, porque entrei, durante muito tempo, na intimidade da  
sua roda, a "roda italiana" e dessa aproximação guardeo  
ainda impressões das mais saqueiras.

Toffoli era de uma família de boa linhagem  
de provincia veneziana. Gloritava-se, mesmo, de ser o an-  
tigo Pontífice Pio X, Patriarca de Veneza, conterraneo  
de seu pai. Os Toffoli, Clemente e José, vieram para o

Brasil e aqui trabalharam e prosperaram, Clemente, na medicina, em Campinas, José, na engenharia, em Ribeirão Preto e no interior.

Na Medicina, Clemente de Tóffoli era de uma capacidade fenomenal de trabalho. Levantava-se muito cedo e, na propria casa, em que tinha consultório, começava a atender à ciencia. A massa de colonos italianos que vinha à cidade era, em maioria, cliente do patricio. As pequenas operações, fazia-se no proprio consultório, as de maior gravidade, mandava-as para alguns dos hospitais da cidade.

Em cirurgia era destro e, mais do que destro, elegante. Um de seus amigos asseverava, em conversa na sua roda que o dr. Tóffoli, em suas intervenções, fazia tanto empenho em cortar com elegancia de gestos e belo aspecto das incisões, como em alcançar êxito em suas intervenções.

Sua clínica era estafante, e só uma natureza moça e sólida poderia dar conta daqueles trabalhos, que lhe ocupavam a manhã, na casa, deslocavam-se durante o dia para as visitas na cidade, nos bairros ou nas fazendas e voltavam a fazer-se na casa, à tardinha e à noite. Tudo aquilo, entretanto, parecia não afetar-lhe a fortaleza física; era homem de belo físico, alto, claro, esbelto; de trato acolhedor e simpático, e nas rodas dos amigos

atestava, a cada passo, a excelência de uma fina educação e hábitos sociais requintados. A isso acrescentava a familiaridade com a literatura italiana, que conhecia a fundo, a francesa, de que era também autorizado crítico e a música, que constituía para ele um refúgio repoussante em horas de folga.

oooooo

Frequentei a chamada "roda italiana", logo após minha formatura. Fazia-se ela na Farmácia da rua 13 de Maio, que tinha sempre à testa Ângelo Serafini, um italiano com o físico típico dos lombardos, embora fosse autêntico toscano. Seu sócio Giorgio Vellutini residia na Itália e raramente por aqui aparecia. À tarde, antes do jantar, iam chegando os frequentadores que, alguns deles já tinham ali cadeiras reservadas: o engenheiro César Caversazzi, Paulo Lobo, Tóffoli, os drs. Mario Gatti e João Ricci, Carlo Bucchianeri, o vice-consul Moscardi e alguns outros inesperados filantes de prosa.

Os diálogos eram tecidos em torno de assuntos os mais variados. Para nós, brasileiros, aquelas reuniões alegres e cordiais constituíam uma hora ferida nos nossos assuntos de rotina; raramente se fazia qualquer comentário político ou da vida da cidade. Os assuntos eram focalizados em campos distantes e o elenco dos conversado

res, pela sua cultura, emprestava interesse a qualquer debate.

Ao lado de Serafini, que era um tipo adorável de "causeur", que pontilhava de ironia, e não raro de um sarcasmo sorridente, suas expansões mais vivas, entrava às vezes na conversa o outro "farmacista", Vincenzo Menotti Bruni, que todos tratavam de "Don Vincenzo", homem dos Abruzzos, moreno, forte, de espessas barbas pretas e tremendamente versado em latim. Sabia o Horácio de cōr, citava trechos destacados de églogas de Virgílio e invectivas de Cícero. Num concurso de latim efetuado no Ginásio, hoje "Colégio Culto à Ciencia", D. Vincenzo largou a farmácia para assistir à leitura de provas escritas e às arguições entre os candidatos - e divertiu-nos, durante mais de uma semana, a narrar as descaídas dos candidatos e os cochilos da própria banca que presidia aos trabalhos, que engulira "silabadas" berrantes e erros de sintaxe, sem darem por isso.

Ângelo Serafini, que o trazia sempre às voltas, chasqueando daquelas preferências veementes por línguas mortas, latim e grego, narrava, com seu sorriso satânico de pisano, que o barbudo conservava em alcool, no fundo da farmacia, num vidro, como coisa preciosa, uma língua de papagaio - "ma un pappagallo romano contemporaneo di Cicerone..."

Eu entrava naquelas escaramuças dialéticas com o pouco que sabia e supria as deficiências dando in vestidas jocosas sobre o "Barbone" que era, aliás, meu grande amigo.

O grupo, à hora do almoço, subia a rua 13 de Maio e ia fazer suas refeições no Hotel Vitória, de Guido della Latta, cognominado o "Viareggio". Era um outro toscano, sempre de cachimbo à boca, gritador e blasfemo, com o característico falar da sua província, com a res inhóspitos, porque era rude nos gestos, mas atraentísimo, depois das primeiras palavras. É claro que aquela clientela, com a nata da colônia, merecia dele tratamento especial, menu especial, pratos nativos que o Viareggio e a mulher preparavam e condimentavam com abundância de molhos e de complementos nutritivos. O vinho corria, não só o da casa, tirado de um quinto à hora do bródio, como tra zido, algumas vezes, entre especialidades, pelos componentes daquele grupo egrégio.

Em todas essas reuniões, embora imperasse a alegria e fraternidade entre os convivas, Tóffoli se colocava, por força própria e pela maior consideração dos pre sentes, sempre num plano de maior recato. Era homem de li nha impecável e na mesa, em que alguns dos seus patrícios se desmandavam em gestos inconvenientes, o seu olhar corrigia esses excessos.

O restaurante de Guido della Latta, quando

pela cidade apareciam companhias líricas ou de opereta, convertia-se, como aliás também a Farmácia, numa sucursal dos camarins e do palco-cênico. Foi ali que muitos da nossa roda e de rodas estranhas, fizeram amizade com Giso Piracini, Dário Acconci e Luigi della Guardia, sem contar as "donnas", primas e secundas.

Acabado o almoço, saíam todos para seus destinos habituais - e Tóffoli voltava ao consultório. Se tinha um caso mais complicado na clínica, concentrava-se, emudecia, sofria com as incertezas do tratamento. É notável essa solidariedade afetiva que amarra um médico à situação de um doente: certas vezes um cliente obscuro, mal pagante, absorve o clínico e lhe tira o sono e o apetite pelas complicações inesperadas da sua moléstia. Tantas vezes era um pobre diabo, italiano ou brasileiro, que concentrava aquelas preocupações do elegante médico. Tóffoli, nessa extenuante atividade, nesse esforço contínuo, do qual só escapava de anos em anos para ir à Europa e visitar os recantos da Venezia Giulia, fez fortuna. Foi fortuna feita aos poucos, custosamente, amealhada. Depois, já folgado, logo depois rico, não alterou aqueles hábitos de vida. Mas a roda se desfez, Angelo Serafini teve um derrame cerebral num dia, na sala de visitas da residência de Paulo Lobo, e dali foi para o cemitério; o Barbone regressou à Italia e lá morreu; o dr. Caversazzi já

tinha falecido. Uns mudaram-se, outros procuraram novas rodas.

Mas o dr. Tóffoli continuava a mesma intensa atividade, percorrendo a cidade de ponta a ponta, no seu automovel aberto, que era sempre Fiat ou Itala, porque só usava carro italiano.

Afinal, também ele sofreu um insulto e ficou com o braço direito meio atado. Não pôde mais operar, e disfarçava aquela insuficiência de movimentos, que o martirisava, não tanto pela redução da capacidade a que o forçava, como pelo que lhe trazia de desconforto à liberdade, desenvoltura e segurança dos movimentos, atingindo a linha de nativa elegância que nele apontava um "gentleman", no andar, no vestir, no tratar os doentes.

O Circolo Italiani Uniti converteu-se em hospital, e é dos melhores, pelo trabalho de Tóffoli, de Mario Gatti e de outros companheiros que os secundaram, quando já eu não residia mais em Campinas. A casa que abrigava gente festeira e efusiva, em datas de júbilo nacional, hoje abriga doentes, sara suas crises aflitivas, dá conforto a italianos ou a brasileiros, indistintamente e abre suas enfermarias, assim como os lençóis de suas camas, aos estropiados de todos os rincões do nosso interior. A figura do dr. Clemente de Tóffoli ali continua invisível no traço físico, mas bem visível na memória de seus trabalhos.

AMIGOS ITALIANOS DE UM BOM TEMPO

(cont.)

- fls. 10 -

A resolução da Municipalidade, de dar o nome do médico à praça fronteira ao hospital de que ele foi um dos fundadores, foi justo tributo prestado a um homem que tão esforçadamente se votou aos seus doentes e ao exercício de uma clínica em mais de trinta anos de vida passada no Brasil. É um novo êlo, bem forte, que entrelaça o nome italiano daquele vêneto de sangue nobre, ao carinho de nós brasileiros que tivemos a fortuna de conhecê-lo, privar com ele e, por isso, estimá-lo por seu talento, seu afã de trabalhador, seus desvelos na assistência a tantos doentes, sua afabilidade no trato de tantos amigos.

São Paulo, 16-IV-1950